

POÉTICA DA DESFIGURAÇÃO ENTRE DUAS JANELAS

THE DISFIGUREMENT POETIC IN DUAS JANELAS

Douglas Rosa da SILVA¹

MARQUES, Ana Martins; SISCAR, Marcos. *Duas Janelas*. São Paulo: Luna Parque, 2016.

Duas janelas, produção poética que integra a literatura brasileira contemporânea, trata, sobretudo, do intenso poder de comunicação – e de desfiguração – que possui a linguagem poética. Lançado em 2016, a obra é de autoria da poeta Ana Martins Marques e do poeta Marcos Siscar, dois nomes em relevo no cenário da poesia brasileira recente. Da poeta mineira, o livro herda a particularidade de vivificar, por meio da palavra, até o mais ínfimo objeto. Do poeta paulista, a obra obtém a densidade das cenas corriqueiras, se contrapondo, desse modo, a uma descrição objetiva do cotidiano. Juntas, as características de ambos os poetas elevam um singular processo em que comunicar, pela via poética, é também implodir – ou seja, é desfigurar um sentido monolítico, lhe apresentando outras possibilidades.

Duas janelas compõe uma coleção de obras idealizadas e publicadas pela editora Luna Parque, coleção essa que tem o desígnio de colocar autores distintos em diálogo em um mesmo livro. Assim, logo no início da obra, o leitor encontra uma nítida e importante orientação que salienta que “o ponto de partida foi concomitante, mas os poemas que se seguiram buscaram acender-se mutuamente. Os autores gostariam que fossem lidos como registro de uma experiência de escrita” (MARQUES; SISCAR, 2016, p. 07). Depreende-se que a experiência poética que pauta a temática desdobrada no livro se origina de uma exaustiva observação de atos triviais que se inscrevem no domínio do cotidiano. Essa observação minuciosa operada pelo sujeito lírico tem a finalidade de sobrelevar uma força que, muito mais do que desconfigurar os sentidos conhecíveis, também os tensiona, desobstruindo uma aparente rigidez dos significantes.

Destarte, o projeto empreendido pelos poetas Ana Martins Marques e Marcos Siscar em *Duas janelas* se apresenta muito sutil, embora engenhoso. Traça-se uma confabulação, página a página, em poemas que se cruzam, se encontram, e se encantam em mútuo. O trabalho temático e imagético situado nos poemas das páginas ímpares, por exemplo, geralmente é continuado nos

1. Mestrando em Literatura, na linha de pesquisa de 'Teoria, Crítica e Comparatismo', no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGLet/UFRGS). Bolsista de Mestrado do CNPq. E-mail: douglasrosa.per@gmail.com.

poemas localizados nas páginas pares, formando uma prática poética que, em si, é inacabada. Esse traço tido como um contínuo imagético faz com que o leitor, em sua singular experiência de leitura, constate a presença de uma rede interminável de novas significações que estão ininterruptamente empregadas na obra. Estruturalmente, se apura que um elo comunicativo permeia a organização e a forma como o livro está disposto, o que confere a *Duas Janelas* um modo singular de ordenar a linguagem poética. Um desses exemplos é a disposição textual que delimita a autoria dos poemas: enquanto os poemas de autoria de Siscar se mostram agrupados nas páginas ímpares, os poemas escritos por Marques situam-se nas páginas pares. A tentativa de concatenar e criar correspondência entre versos, figuras e sons dos poemas é a substancial característica que faz com que a obra se apresente coerente, densa e dinâmica – mesmo que, quantitativamente, conte com apenas vinte e cinco páginas.

E é na palavra conjunta dos poetas que os poemas que integram *Duas Janelas* desfiguram a significação usual, tornando a realidade algo estranhamente palpável. O trabalho imagético presente nos poemas impulsiona a formulação de uma poética da desfiguração a partir do conhecível, do rastro da experiência. Por conseguinte, a constituição poética se dá entre cenas particulares e encontros inesperados, o que faz do exercício de desfiguração algo que se movimenta de dentro para fora – como se o poema, olhar inerente e itinerante do sujeito poético, conseguisse modificar os cenários e objetos inseridos na realidade, desnudando-os.

Entre as imagens que circulam e transitam em *Duas janelas* encontram-se algumas minúcias que aparecem mais de uma vez dentro do livro. Entre os exemplos, se pode destacar a constante imagem das “romãs”, ou ainda a curiosa imagem das “línguas” que, segundo os versos, assolam a audição. As “árvores” da paisagem poética também têm suas imagens – e funções - refeitas e as “cenas amorosas” exibidas no livro servem para refletir acerca do querer dizer da poesia. É por intermédio da potência poético-imagética que o leitor vai de encontro a um manancial de acepções possíveis que renovam o pormenor mais invisível do cotidiano. E isso só é possível porque essa força que a composição poética porta é uma força que desconfigura, força essa que abre passagem para que o leitor também desenhe insólitas acepções para aquilo que é aparentemente banal.

De forma recorrente, a linguagem poética em *Duas janelas* exprime uma constituição particular: o ritmo dançante do poema se atrela ao andamento marchante da prosa. Esse movimento é perceptível, por exemplo, no poema intitulado “Duas Janelas se acendem” em que a ausência do corte do verso e os parágrafos que destituem as estrofes demarcam as imagens que ali se fazem presentes. Ou-

tro poema que aparenta uma relação de idiosincrasia com a prosa posiciona-se logo abaixo. Nota-se, no texto reproduzido a seguir, que os versos isoladamente compõem figuras específicas, o que culmina, ao fim do poema, em uma cena que não é estática. Na movimentação constante que cada verso concentra, as imagens poéticas provocam certo dinamismo:

os que sabem muito não gostam que lhes ensinem
os que já viveram muito não têm mais nada a dizer
pois já disseram tudo ou sabem que já foi dito
mas o que foi dito? O que foi dito está sempre
por lembrar aprender e assim da espantosa nulidade
do que foi dito é que se faz assombro de sentir
a fome daquilo tudo que há para se esquecer
- que nos desejamos nos entretemos nos açoramos de morrer
(SISCAR, 2016, p. 15).

Nesse âmbito, o trabalho métrico em *Dois janelas* se apresenta irregular e dissonante, o que não impede que haja encontros rítmicos dados pelos versos, considerando que algumas enunciações do sujeito lírico são chaves para que se compreendam as repetições encontradas no arranjo poético. Esse exercício em que versos iguais aparecem em poemas diferentes poderia ser lido como um gesto de continuidade a uma especial abordagem, afinal, como já foi referido, *Dois janelas* decorre de uma poética feita entre “fios”, pois é dialógica. Sob esse prisma, é notório que a progressão temática é fulcral no jogo de sentidos que perpassa a obra. No entanto, é preciso frisar que as continuidades são recriadas de poema para poema, ainda que a presença de versos seja similar ou equivalente em alguns casos. Continuar descontinuando, ou seja, apropriar-se da imagem de um determinado poema com o intento de recriá-la em outro - e diferente - poema, coloca-se como uma articulação de criação em *Dois janelas*. A produção poética, assim, funde uma aura de encontro ou de agrupamento de variados pontos de vista sob um específico e mesmo conteúdo.

Nas confabulações suscitadas pelos poemas de Marques, encontram-se temas tais como a memória (em um gesto que retoma o arquivo de experiências do sujeito poético), o imprevisível (em um gesto que apresenta os modos com que o sujeito poético lida com o mundo) e a percepção (em um gesto que explicita os arranjos da subjetividade). No que tange ao esquema métrico, os poemas de Siscar exibem versos mais longos, característica que se mostra em oposição ao esquema métrico utilizado por Marques, visto que os versos da poeta são breves e pontuais no que compete à longevidade. Nessa particularidade, o leitor

poderia compreender que, sob as páginas pares (ou nos poemas de autoria de Siscar), é como se o fio dialógico da poesia fotografasse cenas com excessivos detalhes, enquanto nas páginas ímpares (ou nos poemas de autoria de Marques), essa fotografia se desmanchasse, dado que a prolongação do verso é uma tentativa que tenta aceder aos detalhes, dando-lhes uma sobrevida. A realidade, destarte, é duplamente intensificada, considerando a ocorrência de uma dupla operação poética evidente no livro: primeiro, há poemas que servem como registro fotográfico de uma determinada cena, garantindo uma vida distinta para ela. Segundo, há poemas que desmontam o registro dessa cena, assegurando a elas uma sobrevida, uma vida em acréscimo.

Com isso, compreende-se que é justamente no ato de assegurar nova vitalidade para os fatos cotidianos e singelos que a poética da desfiguração se instaura em *Dois janelas*. O que se cria, a partir da força poética, não é uma mera ressimbolização, mas versos prenhes de sentidos, versos esses que aguardam o desmonte do inteligível para que o novo se instaure. “Lembrete”, poema abaixo, explana sequencialmente algumas das características mencionadas na formação da teia textual de *Dois janelas*:

LEMBRETE

Os papéis em que escrevemos
um dia foram árvores
receberam o sol e a chuva
e deram abrigo
a pássaros de passagem
e talvez dessem flores
estranhas, sexuais
e enfiaram-se na terra
entre coisas podres
e deixaram cair suas folhas
numa disposição perfeitamente aleatória
perfeitamente irrepitível
que alguém sob a árvore
talvez lesse
(MARQUES, 2016, p. 22).

Ao reconhecer que o poema é partícipe da existência, reconhece-se também que ele é capaz de recriar a realidade, nunca a encerrando em uma só ótica. À vista disso, e em conclusão, sobreleva-se que os significantes se desajustam por entre as palavras situadas em *Dois janelas*. Esse suposto desconforto do sujeito poético com uma realidade estatelada o faz emitir elocubrações que a dinami-

zam, afrontam-na. Nessa particularidade, é fomentada a poética da desfiguração, que oportuniza a recriação e a recomposição do real mediante as interferências inventivas da voz poética.

Entre *Duas janelas*, Ana Martins Marques e Marcos Siscar comprovam o lugar de destaque que ambos ocupam na poesia brasileira contemporânea. A audácia, a inventividade, a palavra como instrumento de (re)encantamento, tudo isso engloba a poética de ambos os poetas, traços que são intensificados no diálogo proposto na obra. Há, nesse diálogo, o requerimento de um tocar, ouvir, sentir o poema a fim de que ele cumpra com sua especificidade. E se no começo, a desfiguração começa entre duas janelas, logo ela se estende e passa a contagiar zonas inteiras – e aqui, claro, cabe a janela do leitor. Em suma, a leitura de *Duas Janelas* é aconselhável não só pela potência com que o livro desnuda o mundo a partir de seu querer fazer poético, mas porque é evidente, por meio da inscrição de Marques e Siscar, o alavancar de uma deslumbrante e sempre necessária poética que introduz tempos possíveis em épocas hediondas. Por isso, entre *Duas janelas* ganha o leitor, que pode tecer e destecer a sua vivência por meio da interação poética – desfigurando o óbvio.